



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14379 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

OS COTIDIANOS SENTIDOS PELOS OLHOS DA PELE: EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA COM AS CINECONVERSAS

Noale de Oliveira Toja - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juliana Paoliello Sánchez Lobos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Alessandra da Costa Barbosa Nunes Caldas - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

OS COTIDIANOS SENTIDOS PELOS *OLHOS DA PELE*:

EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA COM AS *CINECONVERSAS*

Resumo: Com o acontecimento da covid-19, percebeu-se a relevância dos artefatos tecnológicos e culturais como artefatos curriculares. O distanciamento social inaugurou outros modos de encontro, de estudos, de pesquisas e de produção de conhecimento. Tais inquietações, provocadas por esse momento, geraram o trabalho de pesquisa denominado – pela orientadora do grupo de pesquisa em cotidianos – “grupos externos”, sendo estes formados por docentes de quatro estados do Brasil. O presente trabalho traz a experiência sensível de conversas tecidas com o livro *Olhos da pele*, de Pallasmaa, e o filme *Estrela Azul: Mãe Stella de Oxóssi*, focando em processos metodológicos desenvolvidos com o Grupo Conexões-Espírito Santo. A referência epistemológica das pesquisas com os cotidianos são as conversas, como metodologia e *lôcus*. Como resultados, foram trazidos os impactos dos entrelaçamentos do livro e do filme em questão para pensar como podemos criar ambientes de pesquisa e de conversas na formação continuada de *docentes* nos cotidianos, revelando que os ‘*conhecimentossignificações*’ também se dão na complexidade e no seu enredamento transdisciplinar.

Palavras-chave: Cinema, Cotidianos, Sentidos, Currículos transdisciplinares, Poética cotidiana.

Introdução - *lati bere*

A pandemia da Covid-19, revelou uma tensão nos gestos tradicionais de ensinar. Fomos forçados a compreender e enfrentar conflitos que se tornaram incompatíveis com os paradigmas até então estruturados. Na impossibilidade de desenvolver as aulas presenciais, tivemos que nos render a uma “estranha” experiência de atuar com plataformas online, criando outros caminhos de aprendizagens. As tecnologias digitais mostraram-se necessárias, nos fizeram romper com tabus como os usos de celulares e aplicativos. Nos deparamos com uma complexa rede de comunicação, processos educativos e uma transversalidade curricular, pelas possibilidades de atravessamentos entre disciplinas ou áreas de conhecimentos. Não queremos dizer que nunca tenha havido tal entrelaçamento, porém, o ensino estruturado em disciplinas, aplicado na modernidade, não permite perceber e potencializar esses entrelaçamentos.

Processos educacionais inaugurados no período do isolamento social (2020-2021) provocaram a pensar em uma ideia pós-disciplinar. Instituídos na virtualidade, em diferentes ‘*espaçotempos*’ ^[1], a criação de ‘*discentesdocentes*’, em seus modos de ‘*aprenderensinar*’, em deslocamentos, desvendando realidades e potências outras, rompeu fronteiras de espaços e de tempos, ainda que com limitações de domínio de tecnologias e de acesso à internet.

Os tempos abertos com *lives* nos trouxeram outras percepções, pois os acontecimentos ao vivo, sendo gravados, ganhavam dimensões de atemporalidade e os encontros por plataformas de *streaming*, que reuniam pessoas de diferentes localidades, inclusive de fusos horários distintos, revelavam outras dimensões espaciais.

Esse evento levou a mobilização dos sentidos e percepções sobre como atender as diferentes redes, em especial às/aos docentes da educação básica, sobretudo da Ed. Infantil que foi bastante desafiador, haja vista os eixos estruturantes de seu currículo: Interações e brincadeira (Dcnei, 2010), e seguido do ensino fundamental, se estendendo aos das redes de ensino de graduação e pós-graduação. Fomos colocados dentro de outras realidades em contato com uma diversidade de pessoas e de culturas. Aprendemos com a adversidade diante de uma problemática coletiva ou comum e fomos ao encontro de soluções.

Isso se revela na pesquisa com o Grupo Externo, realizado desde o ano de 2021, quando inauguramos a pesquisa com as cineconversas em formação continuada de docentes de diferentes regiões do país, cujo objetivo é compreender: os motivos da estrutura dos currículos ainda se organizar em disciplinas; e as ações de docentes, em todos os níveis de ensino, de ações oficiais, de pesquisas, estarem apresentando outras possibilidades de articulações curriculares.

As conversas, como metodologia, ajudam na criação de conexões entre textos e filmes, consolidando as *cineconversas* como um ambiente sensível para tratar de questões sociais, culturais, que estejam ou não localizadas em escolas, ou de ações pedagógicas, trazendo, para as escolas, mundos culturais em imagens e sons, com docentes em serviço em: Manaus (AM); Salvador (BA); Nova Friburgo e São Gonçalo (RJ); e Serra (ES). Ampliamos nossas redes com os grupos Memória, Identidade e Espaço/RJ; TV LEPETE/AM; FORMACCE/UFBA/BA e ConexõesES.

Este texto tem como foco o encontro com o grupo ConexõesES, em que trabalhamos o documentário *Estrela Azul: Mãe Stella de Oxóssi* em conversa com o livro de Juhani Pallasmaa, *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. São percepções acerca dos gestos de ‘*aprenderensinar*’ com atenção ética, estética e poética, que reverberam em ações políticas.

Estrela Azul ressignifica a ação feminina, o poder da linguagem como organizadora de um povo, o paradigma da religiosidade com o anti-sincretismo, o pensamento de uma educação laica, inclusiva e democrática e as relações de afeto e de empatia que promovem ações políticas na ética da comunalidade com a cultura de terreiro Yorubá. A vivência de Mãe Stella de Oxóssi deixa implícito como os sentidos, para além da visão, são convocados para criar uma ambiência de luta que supere a resistência com a criação de outras realidades possíveis, como inspiração para práticas curriculares.

O livro de Pallasmaa adentra no universo da visão e, superando-o, convida-nos a sentir com os olhos da pele, para pensar uma arquitetura que acolha nossas experiências humanas. Um convite ao pensamento por linguagens dos sentidos e da percepção dos currículos como uma experiência sensorial, de afetações e de compreensão de um ambiente educativo democrático, compartilhado, ético e estético que envolve, sobretudo, deixar os sentidos fluírem, tocados pela pele.

A visão focada nos põe em confronto com o mundo, enquanto a visão periférica nos envolve na carne do mundo. (Pallasmaa, 2011).

Ona - o caminho

As *cineconversas* vão além da proposição de ‘cineclubes’. São conversas em torno dos gestos de ‘*verouvirsentirpensar*’ os filmes, usando-os (CERTEAU, 2014), como ‘personagens conceituais’ (DELEUZE, 2008), como disparadores de temáticas sociais, culturais e políticas, transformando-as em questões curriculares.

Estrela Azul: Mãe Stella de Oxóssi, produzido em 2005, homenageia os 80

anos da mãe de santo, realça o ícone que foi Mãe Stella *Odé Kayode* na cultura afro-brasileira, por realizar uma educação inclusiva, uma religiosidade decolonial, a afirmação de uma nação ao manter viva sua cultura e linguagem e por interferir em políticas públicas. Pelos cheiros, gostos, sonoridades e gestos que *Pallasmaa* defende, percebemos como ignoramos os sentidos, tratados pelo filme, na produção de ‘*conhecimentossignificações*’ em detrimento do posicionamento colonial e hegemônico da visão como controladora e legitimadora da verdade e do ato conhecer.

Como a ideia de ancestralidades está atravessada pelos sentidos do tato, audição, olfato, paladar e visão, percebemos como são valorizadas todas essas percepções nos aspectos de singularidades sensíveis com intenção de um bem coletivo. É nessa perspectiva que *Pallasmaa* (2011) propõe a humanização da arquitetura pelo contato da pele. O autor nos convida a escapar da visão focada, que nos leva ao confronto com o mundo, com a polarização, sugerindo a visão periférica, acessada pelo tato, de forma que somos acolhidos pelo mundo. Ao fazer a relação, somos convidados a tirar da centralidade, além da visão focal, a educação centrada em uma verdade única ou, ainda, nos saberes que se posicionam ao centro.

A percepção periférica inconsciente transforma a Gestalt da retina em experiências espaciais e corporais. A visão periférica nos integra com o espaço, enquanto a visão focada nos arranca para fora do espaço, nos tornando meros espectadores. O olhar fixo defensivo e não focado de nossa época, assolado pela sobrecarga sensorial, talvez chegue a abrir novas esferas de visão e pensamento, liberadas do desejo implícito que os olhos têm por controle e poder. A perda de foco pode liberar os olhos de sua dominação patriarcal histórica. (*PALLASMAA*, 2011, p. 13).

A análise - *Onínqmbà*

Como nos propõe Mãe Stella, exercitar a visão periférica de acolhimento, de proteção, de afeto, de experiência do sensível, é também exercitar gestos, posturas de ações políticas, de lutas e de conquistas acerca das questões éticas e estéticas que atravessam nossas sociedades. Pensamos, então, nessas conversas acerca da educação e dos currículos, que escapam da disciplinarização dos conhecimentos ao compreender que todos os nossos sentidos agem na criação dos ‘*conhecimentossignificações*’, superando a ideia da hegemonia ocidental, com o predomínio do olhar, na produção científica. *Pallasmaa* (2011) nos diz que toda “*experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características do espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos*” (p. 39). Os sentidos em entrelaçamento nos afetam com muito mais intensidade e acrescentam emoções e pensamentos que somente a visão não nos dá. Observamos com o que *Pallasmaa* nos contempla em relação ao corpo no centro:

“A filosofia de Merleau-Ponty torna o corpo humano o centro do mundo

das experiências. Ele afirmou de modo consistente, como resume Richard Kearney, que “[é] por meio de nossos corpos, como centros vivos de intenções...que escolhemos nosso mundo e nosso mundo nos escolhe”. (PALLASMAA, 2011, p.38)

Na *cineconversa* com o grupo ConexõES, uma professora da Educação Infantil enfatizou a importância de reunir as linguagens oral, visual, sensorial e dar a inscrição do seu modo de ser e estar no mundo ao seu corpo:

Hoje, eu tô na ed. infantil e até em muitos ambientes onde estou, eu percebi que muito do que a gente fala não chega fácil ao coração. (...) Chego com todo meu carinho, empatia, com meu cabelo trançado, com meu jeito; como negra, eu afeto outras pessoas e as minhas crianças vão ver em mim uma negra que se ama, não precisa eu ficar falando da negritude, ficar falando daquilo que eu sou; eu sou e aquilo ilumina.

Percebe-se que os sentidos, em sua totalidade, proporcionam uma identificação emocional mais rápida, marca mais profundamente a nossa memória e, quando ‘*aprendemos ensinamos*’ multissensorialmente, percebemos as múltiplas possibilidades de ‘*saberes fazeres*’ com essa totalidade.

a concluir - *Lati pari*

Naturalmente, a arquitetura antecede a engenharia, ou seja, antes da ação, pensamos e imaginamos. Mãe Stella e as mães de santo que a antecederam sabiam que a resistência para existir, exigia a criação de ‘*espaçotempos*’ específicos que, vão sendo ocupados com os conhecimentos que são permitidos por aquele trabalho que elas fazem, pelas situações que vivem e com as comunidades com as quais trabalham.

O encontro entre Mãe Stella e Pallasmaa desenha a máxima que levamos nas pesquisas com os cotidianos, nas quais os ‘*conhecimentossignificações*’ são aqueles que se versam na pluralidade das demandas da vida comum. Ao mesmo tempo em que resistimos, criamos agendas próprias. O legado da Ialorixá baiana nos atesta isso, de um movimento estigmatizado pela hegemonia social - os terreiros de candomblé - articula múltiplos ‘*espaçotempos*’ de ‘*conhecimentossignificações*’ - escola, biblioteca, museu, a casa de tecelã, perpetuando a ideia de coletividade com inteligência sensível, solidária. Assim, podemos dizer que é possível trabalhar nossas memórias, ‘*práticas pensamentos*’ em nossos cotidianos, em gestos democráticos de se fazer ciências.

As experiências com as cineconversas e o grupo externo ConexõES nos mostraram que as conversas entre os textos e os modos de ‘*sentirouvirverpensar*’ os filmes criam um

ambiente de ‘*ensinoaprendizagem*’ para respondermos com vida a um sistema produtor de morte e desencanto, nos lembram do compromisso de sempre convocarmos alguma humanidade para nos acompanhar no caminho e nos mostram como é inerente ao ato educativo navegar nos diferentes movimentos de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 03/2023.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.*

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart, São Paulo: Ed.

34, (1992), 2008.

ESTRELA Azul. Mãe Stella. **Produção TVE, 2005. Veiculação TVE - Bahia, 2019.** Disponível em: https://youtu.be/ujjtv_y8gDk. Acesso em: fev. 2023.

PALLASMAA. Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Ed. Bookman: Porto Alegre, 2011.

[1]

A dicotomia, própria da construção da ciência na Modernidade, é entendida como limite para nós que trabalhamos em pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras desse modo: *juntas*, em itálico e com aspas simples, para indicar que são termos indissociáveis. Quanto a esses dois termos, especificamente, fomos percebendo que ao se criar conhecimentos – em ciência e nos cotidianos – criamos junto significações que os explicam, justificam e mostram sua superioridade em relação a outros.